

Divulgação/Desafio Jota Racing



Competições de drift no Brasil investem na combinação de esporte, entretenimento e cultura pop para atrair público além dos aficionados

## AUTOMOBILISMO

# Mercado do drift conquista brasileiros

Movimentando valores bilionários no mundo, esporte ganha espaço no Brasil com competições em autódromos, peças de alta performance e customização

» FERNANDA STRICKLAND

Embora o drift (ou drifting) ainda seja tratado como um nicho dentro do automobilismo, novos levantamentos de mercado indicam que a modalidade deixou de ser apenas um esporte alternativo para se tornar um negócio global em expansão. Mesmo com a escassez de estatísticas públicas que isolem o “drift puro” de outros segmentos do esporte a motor, relatórios internacionais ajudam a dimensionar o tamanho econômico da atividade — e projetam um crescimento consistente nos próximos anos.

Um dos principais indicadores vem de um estudo da consultoria internacional Wise Guy Reports, especializada em análises de mercado. Segundo o levantamento, o mercado global de carros de drift foi avaliado em aproximadamente US\$ 799,2 milhões em 2024. A projeção é que esse volume chegue a cerca de US\$ 1,5 bilhão até 2035, com uma taxa média de crescimento anual (CAGR) estimada em 5,9%.

Esse tipo de relatório é construído a partir da consolidação de dados de fabricantes, equipes, campeonatos, vendas de veículos preparados, tendências de consumo e entrevistas com agentes do setor automotivo e esportivo. A pesquisa reflete principalmente a demanda por carros adaptados ou desenvolvidos especificamente para a prática do drift, além de atividades diretamente ligadas às competições.

Já um segundo estudo, elaborado pela Business Research Insights, amplia o escopo da análise e aponta números ainda mais expressivos. O relatório projeta que o mercado global relacionado a carros de drift pode alcançar US\$ 115,72 bilhões em 2026, com expectativa de crescimento para US\$ 216,39 bilhões até 2035, registrando um CAGR de 7,2% no período.

A diferença entre os estudos está na metodologia: esse último não se limita apenas aos veículos em si, mas engloba todo o ecossistema da cultura drift, incluindo componentes automotivos, peças de performance, serviços especializados, eventos, produtos licenciados, acessórios, personalização,



**“Trata-se de um investimento muito elevado, mas hoje já é possível observar, com a participação de grandes multinacionais, que conseguimos rentabilizar, no mínimo, 100% desse valor”**

**Jonathan Neves, piloto e criador do Desafio Jota Racing**

além da cadeia de entretenimento e marketing ligada ao esporte. Ou seja, trata-se de uma visão mais ampla, que considera o drift como indústria cultural e econômica. Outro indicador relevante aparece no segmento de acessórios especializados, especialmente as rodas desenvolvidas para a modalidade. Com base em dados do setor automotivo esportivo, o mercado de rodas específicas para uso no drift racing foi avaliado em cerca de US\$ 1,24 bilhão em 2024. A previsão é que esse valor possa chegar a US\$ 2,5 bilhões até 2035, impulsionado pelo aumento da personalização de veículos, da profissionalização do esporte e do crescimento de eventos e competições ao redor do mundo.

### Força no Brasil

O drifting desembarcou no Brasil pela porta do entretenimento. Não foi pelas pistas, tampouco pelas federações. Veio do cinema. Em 2006, *Velozes e Furirosos: Desafio em Tóquio* apresentou ao grande público um tipo de automobilismo distante da lógica tradicional da velocidade pura. O que se via na tela era controle, estética e excesso calculado.

Desde então, o drift vem deixando de ser uma prática restrita a entusiastas para se consolidar como um segmento em crescimento dentro do automobilismo esportivo e do entretenimento. Embora ainda faltem dados estatísticos oficiais que isolem a modalidade no mercado nacional, o avanço pode ser percebido na multiplicação de eventos, no aumento do público, no fortalecimento de oficinas

especializadas e no interesse crescente de marcas e patrocinadores.

Aqui no Brasil, esse fascínio encontrou terreno fértil. A cena automotiva já tinha forte ligação com personalização e encontros informais, e drift se encaixou como expressão técnica e cultural. No início, ocupou espaços improvisados, longe dos holofotes e da estrutura oficial do automobilismo.

Com o tempo, a prática amadureceu. Pilotos passaram a investir em carros específicos, com tração traseira, ângulo de esterço ampliado e motores preparados. Eventos migraram para autódromos. A informalidade deu lugar a regulamentos, juizes e critérios claros de avaliação. Hoje, o drifting brasileiro vive uma fase de consolidação. Competições oficiais, categorias bem definidas e maior preocupação com segurança indicam que o esporte deixou a margem. Já não é apenas exibição ou manobra radical: é competição estruturada.

### Eventos culturais

Esse desempenho é impulsionado não apenas pelas competições, mas também pelo fortalecimento de uma cadeia econômica que envolve oficinas especializadas, fabricantes de peças de alto desempenho, organizadores de eventos e marcas que apostam no apelo visual e técnico do drift.

Um exemplo recente desse avanço é a realização de eventos que combinam automobilismo, entretenimento e cultura pop, ampliando o alcance do esporte para além do público tradicional. O Desafio Jota Racing levou velocidade, drift, shows, motocross e luta ao

Speedway Music Park, em Balneário Camboriú (SC), em dezembro.

Criado por Jonathan Neves, o JJ, campeão brasileiro de drift e piloto reconhecido internacionalmente, o desafio prometeu uma fusão entre performance, narrativa e emoção real. “Eu já sonho com esse evento há muitos anos e sempre pensei fazer o piloto aqui, porque sempre que acontece um grande evento automobilístico, a gente tem que ir para São Paulo ou outras grandes capitais. Então fiz questão de fazer a primeira edição em Santa Catarina, e deu certo, teremos grandes influenciadores e pilotos internacionais”, contou JJ.

Ao **Correio**, o piloto afirmou que investiu cerca de R\$ 5 milhões para realizar o evento em Balneário. “De fato, trata-se de um investimento muito elevado, mas hoje já é possível observar, com a participação de grandes empresas multinacionais, que conseguimos rentabilizar, no mínimo, 100% desse valor. Isso considerando apenas uma etapa do projeto, não o conjunto completo. Ou seja, ao realizar uma etapa nesse percurso, em um formato ideal, temos um retorno mínimo de 100%, sem contar as demais etapas que podem ser realizadas”, afirmou.

Segundo ele, há expectativa de fazer outras edições do Desafio em capitais diferentes. “O principal obstáculo, além do investimento, é a logística. Para operacionalizar tudo isso, há muita burocracia e o processo é complexo. No entanto, com a rede de profissionais experientes que já reunimos, conseguimos viabilizar essas operações e executar as diferentes versões do projeto. O plano é justamente esse: crescer para algo muito maior e levar o esporte, de fato, a outro nível”, completou.

Uma das capitais que mais divulgou a cultura do drift foi Brasília. Em novembro de 2025, a capital recebeu a final da temporada do Mega Drift Brasil no Parque da Cidade. O Mega Drift, que chegou na sua quarta edição, foi organizado por Gustavo Carvalho, que também é piloto aposentado. Ele destacou que a capital federal é um celeiro de talentos. “Brasília respira automobilismo. Só aqui temos mais de 30 competidores”, acrescentou.

## Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

# Evidências terminais

O Brasil não capenga por faltar plano, capital ou mercado. O que embaça a visão é a insistência em operar com o Estado e o sistema econômico desenhados para um mundo que já acabou. Se fizessemos a autópsia da economia das últimas quatro décadas, constataríamos o impulso do crescimento nutrido a transferências de renda, crédito e subsídios, uma tríade que se esauriu e nos afasta do progresso.

Os fatos desabonadores da ética e da moral que voltam a aparecer, das relações espúrias dos condutores das instituições ao escândalo sem fim do tamborete Master, são sintomas desse quadro de ocaso da governança do Estado, sobretudo do manuseio dos dinheiros públicos e da rede de supervisão criada para monitorar o seu uso e destino.

Quando a gestão falseia, o ambiente se torna tóxico, os meios não mais justificam os fins, o vírus do oportunismo se entranha pelo organismo social e se torna epidêmico. Tudo vira custo insanável.

O episódio recente envolvendo a plataforma chinesa de comércio online Shein é um bom teste de estresse dessa realidade. A Shein anunciou, com pompa, a intenção de transformar o Brasil em um polo regional de produção, mobilizando milhares de fornecedores locais e dezenas de milhares de empregos. Pouco tempo depois, recuou. Não por faltar demanda ou capital, mas porque as confecções nacionais não conseguiram entregar preço, prazo e qualidade, como apurou uma ampla pesquisa de campo da agência de notícias Reuters.

O chamado Custo Brasil, reunindo crédito caro, tributos abusivos, burocracia espessa e logística deficiente — sequelas de carência de governança pública e de visão de longo prazo — falou mais alto.

As tais “blusinhas” importadas da China voltaram a sê-las mas com mais imposto a pretexto de proteger a produção local. Deu errado.

E não funcionou não porque haja diferenças culturais entre fazer na China e fazer no Brasil. O problema não é cultural, empresarial ou moral. É sistêmico. Uma empresa global, acostumada a operar no limite extremo da eficiência, esbarrou num ambiente que transforma tentativas de produção local em apostas de alto risco.

### Argentina também é aqui

O travamento estrutural ajuda a explicar um dado desconfortável lembrado recentemente pelo economista Fabio Giambiagi: nos últimos 35 anos, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) per capita foi tão medíocre quanto o da Argentina, 1,3% ao ano. Avancamos em frentes importantes, como a da inflação e da vulnerabilidade externa. Mas, quando se olha o bem-estar material médio da população, a sensação é de estagnação.

Aqui entra um ponto decisivo e politicamente sensível. O Brasil cresceu conforme os ciclos globais, mas o desenho do crescimento foi regressivo. O topo da pirâmide se beneficiou de juros altos, renda financeira e ativos indexados. A base mais pobre encontrou proteção em programas de transferência de renda e subsídios. Quem ficou espremida foi a classe média — essa enjeitada recorrente da política.

Ela foi e continua sendo pressionada simultaneamente pelo custo do crédito, pela inflação de serviços e uma cascata de despesas obrigatórias e, especialmente, as semiobrigatórias invisíveis.

Essa dinâmica não é apenas nossa. No artigo *The Boomcession*, uma fusão de expansão com recessão, o economista Matt Stoller conta como os EUA convivem hoje com crescimento estatístico e frustração social profunda. “Os modelos usados pelos formuladores de política para entender salários, crescimento e consumo são enganosos”, diz.

“Por isso a América corporativa faz uma festa com seus lucros em alta, enquanto a população está furiosa”. Tal análise se encaixa, com impressionante precisão, na realidade brasileira.

### Meses cada vez mais curtos

O dado politicamente relevante não é o PIB agregado nem a renda média. É a renda disponível real, mas não a calculada pelas contas nacionais, que desconta apenas impostos diretos e sim a que sobra depois dos gastos obrigatórios.

Tal como no orçamento público as despesas discricionárias são comprimidas pela despesa obrigatória, o consumo discricionário das famílias é esmagado pelo avanço de custos inescapáveis, embora tratados como se fossem dispensáveis.

Mesmo quando a renda sobe, a margem de manobra diminui. É o plano de saúde reajustado acima da inflação, o condomínio inflado pelo que não se pode abrir mão, as tarifas financeiras, o IOF em qualquer tipo de crédito, serviços oligopolizados que aumentam os preços à revelia do bom senso. São gastos que não podemos evitar, embora as análises oficiais os desprezem, e depois os analistas que tentam interpretar o sentimento social não sabem decifrá-lo.

Funcionam, na prática, como “imposto privado”, cobrado não pelo Estado, mas pelo poder de mercado. Stoller chama isso de economic termites — “cupins econômicos” que corroem silenciosamente a renda disponível. Eles aparecem como “consumo” e “crescimento” nos dados oficiais, mas não geram bem-estar proporcional. Nos EUA. Aqui...

O resultado é a sensação difusa de aperto permanente: a economia cresce no papel, enquanto a qualidade de vida real encolhe.

O descompasso ajuda a entender o mau humor social persistente e o cansaço com a política. O eleitor não reage a discursos sobre PIB, mas ao que sobra no mês. E os meses estão cada vez mais curtos.

### A classe média desidratada

Como o mundo está mudando de forma acelerada, o problema vem se agravando e a violência vem num crescente. Como diz o visionário inglês Azeem Azhar, estamos diante de uma atualização do “sistema operacional da civilização”. A energia, a inteligência, a biologia migraram de um regime de escassez para curvas de aprendizado, nas quais os custos caem e as capacidades se expandem em escala.

Países formados por instituições desenhadas para um mundo lento, analógico e extrativo tornam-se gargalos. Para si próprios e para quem tenta investir neles. Corremos esse risco. Não estamos sendo explorados pelo “mundo novo”. Estamos sendo ignorados por ele.

Conclusão: sem reduzir estruturalmente o custo do crédito, sem aliviar o peso efetivo dos impostos por meio de maior eficiência do gasto público, sem desburocratizar os três níveis federativos, sem orientar a gestão pública a maximizar a renda disponível das famílias e a taxa de retorno das empresas, não haverá indústria revigorada, nem crescimento sustentado, nem aumento do bem-estar.

E, agora, o ponto incômodo. Nosso modelo atual não é bem contra ricos, nem abandona completamente os mais pobres. Ele desidrata, silenciosamente, a classe média, e celebra números que não dizem nada sobre a vida real. Quando o crescimento vira estatística e o custo de vida vira destino, o problema não é comunicação política.

Persistir nele, esperando resultados diferentes, é mais do que ingenuidade. É recusar-se a admitir que a governança política que nos trouxe até aqui já não serve para nos levar adiante — e que outra precisa ser construída. Pense nisso quando for votar...